

boletim informativo

01 • outubro • 2025



A Pipoca num contexto histórico e cultural



neabi | .fmc

Núcleo de Estudos
Afro-Brasileiros e Indígenas
da Faculdade de Medicina de Campos

A Pipoca num contexto histórico e cultural: do alimento à simbologia nos rituais afro-brasileiros

Wellington Cordeiro

pesquisador de cultura popular,
Membro da Academia Campista de Letras
Membro do NEABI/FMC
Licenciado em Artes Visuais/UNIFLU

1. Introdução

A pipoca, alimento produzido a partir do aquecimento do milho do tipo *Zea mays everta*, é um dos exemplos mais expressivos de como um elemento natural pode adquirir, ao longo do tempo, múltiplos significados sociais, culturais e espirituais. Sua trajetória acompanha a história das civilizações americanas e a formação da cultura brasileira, revelando tanto aspectos alimentares quanto simbólicos profundamente enraizados nas tradições indígenas, afrodescendentes e populares.



Historicamente, o milho é um dos mais antigos





A pipoca, alimento produzido a partir do aquecimento do milho do tipo *Zea mays everta*, é um dos exemplos mais expressivos de como um elemento natural pode adquirir, ao longo do tempo, múltiplos significados sociais, culturais e espirituais. Sua trajetória acompanha a história das civilizações americanas e a formação da cultura brasileira, revelando tanto aspectos alimentares quanto simbólicos profundamente enraizados nas tradições indígenas, afrodescendentes e populares.

Historicamente, o milho é um dos mais antigos cultivos do continente americano. Pesquisas arqueológicas indicam que sua domesticação ocorreu há cerca de sete mil anos, nas regiões hoje correspondentes ao México e à América Central (EMBRAPA, 2019). O milho era considerado um alimento sagrado por diversos povos pré-colombianos, como os maias, astecas e incas, que viam nele a base da vida e da criação humana. Evidências arqueológicas mostram que o milho-pipoca era consumido tanto na alimentação diária quanto em rituais religiosos, nos quais seu estourar simbolizava a fertilidade e a energia vital (ZEA, 2015).

 **Com a chegada dos africanos escravizados, houve uma fusão de saberes culinários e religiosos, resultando na incorporação do milho — e, especialmente, da pipoca.** 



neabi | .fmc

Nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, a pipoca se transformou em um símbolo ritualístico de grande relevância.



neabi | .fmc

Nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, a pipoca se transformou em um símbolo ritualístico de grande relevância. O alimento é associado a diversos orixás, mas sua ligação mais forte é com Obaluaê (ou Omolu), divindade das doenças, da cura e da transformação. O ritual conhecido como deburu consiste em estourar os grãos de milho e utilizá-los na purificação de corpos e espaços sagrados. Durante o processo, acredita-se que as pipocas absorvem as energias negativas, promovendo limpeza e equilíbrio espiritual (PRANDI, 2001).

O simbolismo da pipoca no contexto ritualístico está relacionado a sua cor branca e à transformação física que ocorre durante o preparo. O branco, nas cosmologias africanas, é cor de pureza, paz e ligação com o mundo espiritual. O ato de estourar representa a passagem da matéria bruta à forma expandida, simbolizando o renascimento e a libertação de energias contidas. Bastide (1971) interpreta essa transformação como metáfora da vida e da cura: assim como o grão explode para se tornar algo novo, o ser humano, ao passar pelos rituais, pode se renovar espiritualmente.


Além de seu uso em rituais específicos, a pipoca também aparece em oferendas e obrigações, sendo colocada em cestos, esteiras ou pratos, frequentemente acompanhada de outros elementos simbólicos, como folhas sagradas, velas e água. Em muitos terreiros, a pipoca é também utilizada em festas públicas, como o Olubajé (banquete de Obaluaê), no qual é distribuída entre os participantes como símbolo de bênção e partilha (SANTOS, 2008).





No campo alimentar, a pipoca ganhou importância no cotidiano brasileiro, especialmente a partir do século XIX, com o aumento do cultivo de milho e a popularização de formas simples de preparo. Seu consumo passou a ser associado a momentos de lazer e sociabilidade, como festas juninas, eventos religiosos, cinemas e ruas, consolidando-se como um alimento democrático, acessível e presente em diferentes camadas sociais (EMBRAPA, 2019).

A relação entre alimento e religiosidade nas culturas afro-brasileiras é intrínseca e complexa. A pipoca exemplifica como certos elementos da natureza são investidos de significados espirituais e como o ato de preparar e oferecer alimentos pode se tornar uma forma de comunicação com o sagrado. Segundo Prandi (2001), essa conexão reflete

 **Seu consumo passou a ser associado a momentos de lazer e sociabilidade, consolidando-se como um alimento democrático, acessível e presente em diferentes camadas sociais.**



No campo alimentar, a pipoca ganhou importância no cotidiano brasileiro, especialmente a partir do século XIX, com o aumento do cultivo de milho e a popularização de formas simples de preparo. Seu consumo passou a ser associado a momentos de lazer e sociabilidade, como festas juninas, eventos religiosos, cinemas e ruas, consolidando-se como um alimento democrático, acessível e presente em diferentes camadas sociais (EMBRAPA, 2019).

A relação entre alimento e religiosidade nas culturas afro-brasileiras é intrínseca e complexa. A pipoca exemplifica como certos elementos da natureza são investidos de significados espirituais e como o ato de preparar e oferecer alimentos pode se tornar uma forma de comunicação com o sagrado. Segundo Prandi (2001), essa conexão reflete uma cosmovisão africana em que tudo no universo possui axé, ou seja, força vital. O preparo ritual da pipoca, portanto, é um ato de manipulação consciente dessa energia, visando equilíbrio e cura. No plano antropológico, o estudo da pipoca revela a capacidade das culturas de atribuírem novos sentidos a elementos cotidianos. A trajetória da pipoca — de alimento indígena a símbolo religioso afro-brasileiro — demonstra o dinamismo das trocas culturais e a resistência das tradições africanas no Brasil. Ao manter vivos os rituais que utilizam a pipoca, as comunidades de terreiro preservam não apenas práticas religiosas, mas também saberes ancestrais e modos de relação com o mundo natural (BASTIDE, 1971).

Contemporaneamente, a pipoca permanece presente tanto nas práticas religiosas quanto no imaginário coletivo. Seu consumo cotidiano



Referências

BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

EMBRAPA. Milho Pipoca: Origem, Características e Curiosidades. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 2 out. 2025.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nàgô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZEA, Santiago. O Milho na História das Américas. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2015.

Imagens:

br.freepik.com

